REVISTA TÓPICOS
ISSN 2965-6672 | Qualis A2

PREVALÊNCIA E PADRÕES DE USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: UMA REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA

PREVALENCE AND PATTERNS OF PSYCHOACTIVE SUBSTANCE USE AMONG UNIVERSITY STUDENTS: A NARRATIVE LITERATURE REVIEW

Ciências da Saúde • 25/11/2026

REGISTRO DOI: 10.70773/revistatopicos/795551498

Callina Haniel de Aguiar Barroso[1]

Lara Emanuelle Santos Roque[2]

Isabela Soares Brandão[3]

Emanoele Batista Rafael[4]

Vagner Rodrigues Sales[5]

RESUMO

O ingresso no ensino superior coincide com maior autonomia, novas redes de convivência e pressão por desempenho, condições que favorecem o contato com álcool, tabaco, medicamentos e drogas ilícitas. Este artigo teve como objetivo analisar a prevalência e os padrões de uso de substâncias psicoativas entre estudantes universitários a partir de estudos publicados de 2020 em diante. Realizou-se uma revisão narrativa da literatura, com seleção intencional de 15 publicações de acesso aberto localizadas na SciELO, no PubMed e em páginas de periódicos, das quais 13 são pesquisas primárias e duas são revisões sistemáticas. O álcool foi a substância mais consumida em quase todos os contextos, com frequências entre 47% e 80%, obtidas em estudos com populações, instrumentos de avaliação e períodos de referência distintos, não correspondendo a uma estimativa geral de prevalência. O consumo episódico excessivo alcançou perto de metade dos estudantes em uma amostra brasileira. A cannabis ocupou o primeiro lugar entre as drogas ilícitas, enquanto analgésicos, benzodiazepínicos e opioides apareceram com frequência superior à de várias substâncias ilegais. Moradia longe da família, participação em determinados grupos universitários, sexo, área do curso e sofrimento psicológico estiveram associados ao consumo. A relação com o desempenho acadêmico mostrou-se negativa para o conjunto das substâncias e incerta para o álcool isolado. Conclui-se que as estimativas dependem fortemente do período de referência, da definição de uso e do tipo de amostra, o que exige cautela nas comparações e justifica ações institucionais de prevenção voltadas também aos medicamentos. A seleção não exaustiva das publicações e a heterogeneidade metodológica dos estudos constituem limitações da revisão e restringem a generalização dos resultados.

Palavras-chave: Estudantes; Universidades; Substâncias psicoativas; Prevalência; Consumo de álcool na faculdade.

ABSTRACT

Entering higher education coincides with greater autonomy, new social networks, and increased academic pressure, conditions that may favor exposure to alcohol, tobacco, medications, and illicit drugs. This article aimed to analyze the prevalence and patterns of psychoactive substance use among university students based on studies published from 2020 onward. A narrative literature review was conducted, with a purposive selection of 15 open-access publications retrieved from SciELO, PubMed, and journal websites, comprising 13 primary studies and two systematic reviews. Alcohol was the most frequently consumed substance in nearly all settings, with reported frequencies ranging from 47% to 80%. These figures were obtained from studies involving different populations, assessment instruments, and reference periods and therefore do not represent an overall prevalence estimate. Binge drinking was reported by nearly half of the students in a Brazilian sample. Cannabis was the most frequently reported illicit drug, while analgesics, benzodiazepines, and opioids were reported more frequently than several illicit substances. Living away from family, participation in certain university groups, sex, field of study, and psychological distress were associated with substance use. The association with academic performance was negative when substances were considered collectively, whereas findings for alcohol alone remained inconclusive. It is concluded that prevalence estimates depend substantially on the reference period, the definition of substance use, and the characteristics of the sample. These differences require caution when comparing findings and support the implementation of institutional prevention strategies

that also address medication use. The non-exhaustive selection of publications and methodological heterogeneity among the studies limit the generalizability of the findings.
Keywords: Students; Universities; Psychoactive substances; Prevalence; Alcohol drinking in college.

1. INTRODUÇÃO

Substâncias psicoativas são compostos que agem sobre o sistema nervoso central e modificam processos mentais como percepção, consciência, cognição, humor e emoções (Sampaio *et al.*, 2024). O conceito reúne produtos de circulação legal, a exemplo das bebidas alcoólicas e do tabaco, medicamentos sujeitos ou não a prescrição e drogas cuja produção e venda são proibidas. Essa amplitude tem consequência direta para a pesquisa epidemiológica: o que cada estudo conta como uso varia, e com isso variam também os números divulgados.

A vida universitária reúne circunstâncias que aproximam os jovens dessas substâncias. A frequência a festas e festivais estudantis e o estresse ligado às exigências do curso figuram entre os motivos que levam os estudantes a comportamentos de risco, incluído o consumo de psicoativos (Perino *et al.*, 2022). Para muitos, a entrada na graduação marca o início de um período de emancipação, com mais liberdade e novos contatos sociais, cenário propício à descoberta de produtos antes distantes do cotidiano (Carton *et al.*, 2023). Trata-se, em boa parte dos casos, da primeira experiência com supervisão parental reduzida.

Os levantamentos disponíveis dão dimensão ao problema. No Brasil, uma pesquisa com 126.326 graduandos registrou uso de álcool por

62,8% deles, de tabaco por 11% e de drogas ilícitas por 7,5% (Simplício *et al.*, 2021). Na França, oito em cada dez estudantes da Universidade de Lille declararam ter bebido desde o primeiro ano do curso (Carton *et al.*, 2023). Nos Estados Unidos, 21,8% dos universitários preencheram critérios para transtorno por uso de substâncias no intervalo de um ano, e somente 4,6% desses receberam algum tratamento (Pasman *et al.*, 2024).

Apesar do volume de publicações, persistem incertezas relevantes. Uma delas diz respeito à comparabilidade: há estudos que medem o uso em qualquer momento da vida, outros nos últimos doze meses, nos últimos três meses ou no mês anterior à coleta. Outra incerteza envolve as amostras, quase sempre obtidas por conveniência, em uma única instituição ou em um único curso. A terceira refere-se às consequências, pois a relação entre consumo e rendimento acadêmico aparece em alguns trabalhos e desaparece em outros (Bulfone *et al.*, 2025).

Soma-se a isso a mudança no repertório de substâncias. Inquéritos recentes passaram a incluir óxido nitroso, poppers, medicamentos psicotrópicos e analgésicos, e descrevem contextos específicos de consumo, como o uso para facilitar ou prolongar relações sexuais (Malandain *et al.*, 2022; Perino *et al.*, 2022). A pandemia de COVID-19, por sua vez, alterou a rotina acadêmica e social e levantou dúvidas sobre seus efeitos na frequência de uso (Lemos-Santos *et al.*, 2024). Quem atua em instituições de ensino superior lida com esse quadro sem dispor, muitas vezes, de uma leitura organizada da produção mais nova.

Embora a literatura recente já apresente revisões sobre o consumo de substâncias psicoativas no ensino superior, permanecem

aspectos que justificam novas análises. Sampaio *et al.* (2024) concentraram-se em publicações referentes ao período de 2019 a 2020, examinando características e motivações do consumo entre universitários. Bulfone *et al.* (2025), por sua vez, investigaram especificamente a associação entre o uso de substâncias e o desempenho acadêmico.

A presente revisão diferencia-se dessas abordagens ao reunir estudos primários publicados a partir de 2020, em diferentes contextos nacionais, para examinar conjuntamente as substâncias investigadas, as formas de consumo, os fatores associados e as diferenças metodológicas que interferem na interpretação das prevalências. Busca-se, assim, contribuir para uma leitura crítica das estimativas, considerando especialmente os períodos de referência e a distinção entre o uso terapêutico e o uso não médico de medicamentos.

Diante desse panorama, formula-se o seguinte problema de pesquisa: o que a literatura publicada a partir de 2020 informa sobre a prevalência e os padrões de uso de substâncias psicoativas entre estudantes universitários, e quais fatores acompanham esse consumo? A pergunta é delimitada no tempo e na população, tem aplicação imediata no planejamento de ações de saúde estudantil e nasce da convivência com o ambiente universitário, no qual o consumo de bebidas e de outros produtos costuma ser tratado como parte natural da sociabilidade.

O objetivo geral deste artigo é analisar a prevalência e os padrões de uso de substâncias psicoativas entre estudantes universitários com base em estudos publicados de 2020 em diante. Como objetivos específicos, pretende-se: descrever as substâncias mais consumidas

e a frequência com que aparecem em diferentes países; identificar fatores sociodemográficos, acadêmicos e de saúde mental associados ao consumo; examinar o que se sabe sobre a relação entre uso e desempenho acadêmico; e discutir os limites metodológicos que condicionam a interpretação das estimativas.

A pesquisa justifica-se em dois planos. No teórico, reunir investigações brasileiras e estrangeiras em uma mesma análise permite verificar quais achados se repetem em contextos culturais distintos e quais dependem das escolhas de cada estudo. No prático, gestores, docentes e serviços de assistência estudantil precisam saber onde concentrar esforços: em quais substâncias, em quais grupos e em que momento da trajetória acadêmica. A constatação de que a maioria dos universitários com transtorno não chega ao tratamento torna essa necessidade ainda mais concreta (Pasman *et al.*, 2024).

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Substâncias Psicoativas e Formas de Medir o Consumo

A definição de substância psicoativa adotada na literatura é funcional: importa o efeito sobre o sistema nervoso central, não a situação legal do produto (Sampaio *et al.*, 2024). Por essa razão, um mesmo inquérito pode reunir bebidas alcoólicas, cigarros, cannabis, cocaína, ansiolíticos e analgésicos opioides. Carton *et al.* (2023) organizaram essa diversidade em três grupos, o das substâncias de livre acesso, o dos medicamentos de prescrição e o das drogas ilegais, solução que facilita a leitura dos resultados sem apagar as diferenças entre os produtos.

Uso e abuso não são sinônimos. O primeiro termo designa o consumo de álcool ou de outra substância, ao passo que o segundo corresponde ao uso excessivo ou nocivo (Farinha *et al.*, 2025). Parte dos estudos africanos trabalha com a noção de abuso de drogas e substâncias, que abrange o emprego de medicamentos fora da finalidade terapêutica (Wada *et al.*, 2021; Olanrewaju *et al.*, 2022). Já a análise norte-americana de Pasman *et al.* (2024) adota os critérios diagnósticos do DSM-5 para transtorno por uso de substâncias, categoria clínica mais restrita que o simples consumo.

O período de referência constitui outro elemento decisivo. Perino *et al.* (2022) classificaram os padrões em uso na vida, uso no último ano e uso atual. Yosef, Getachew e Shifera (2023) consideraram atual o consumo ocorrido nos trinta dias anteriores à entrevista. Carton *et al.* (2023) perguntaram sobre o uso desde o ingresso na universidade, e Farinha *et al.* (2025) avaliaram os três meses que antecederam a coleta. Cada janela temporal produz uma grandeza diferente, e tratá-las como equivalentes conduz a conclusões equivocadas.

O Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test (ASSIST), desenvolvido por pesquisadores da Organização Mundial da Saúde e validado para o português do Brasil, investiga nove classes de substâncias e permite avaliar o envolvimento do indivíduo com essas substâncias por meio de escores que indicam diferentes níveis de risco associados ao consumo, conforme a pontuação obtida (Farinha *et al.*, 2025).

A classificação das substâncias investigadas varia conforme a legislação e os critérios de cada pesquisa. Na França, Carton *et al.* (2023) consideraram as condições de acesso e regulamentação dos produtos. Entretanto, o uso de medicamentos não indica

necessariamente consumo indevido, e nem todos os analgésicos possuem propriedades psicoativas. É preciso distinguir o uso prescrito, a automedicação e o consumo não médico ou recreativo. Essas diferenças devem ser consideradas na comparação dos resultados, evitando interpretações equivocadas sobre a prevalência do consumo.

Entre os padrões de consumo de álcool, o beber episódico excessivo, conhecido como binge drinking, recebe atenção particular. Corresponde à ingestão de cinco ou mais doses por homens, ou quatro por mulheres, em uma mesma ocasião e em intervalo de cerca de duas horas, quantidade suficiente para elevar rapidamente a concentração de álcool no sangue (Farinha *et al.*, 2025). Esse modo de beber está ligado a direção sob efeito de álcool, violência, lesões e relações sexuais desprotegidas, o que explica sua presença constante nos inquéritos com jovens.

2.2. A Universidade Como Contexto de Exposição

A graduação é descrita na literatura como etapa de transição psicossocial com repercussões sobre a saúde mental (Farinha *et al.*, 2025). O estudante passa a administrar o próprio tempo, convive com pares que já consomem e encontra oferta facilitada de bebidas e de outras substâncias. Carton *et al.* (2023) acrescentam que a preocupação com o futuro profissional e a ansiedade dela decorrente podem estimular o recurso a psicoativos, e que as exigências variam conforme a área de estudo, o período do curso e características individuais.

As motivações relatadas pelos próprios estudantes foram sistematizadas por Sampaio *et al.* (2024) em revisão de artigos

publicados em 2019 e 2020. Sentimento de solidão após o afastamento da família, dificuldade para fazer novas amizades, rendimento acadêmico insatisfatório e um ambiente em que a aquisição é fácil compõem o conjunto de razões identificado. Na maior parte dos estudos selecionados por esses autores, o álcool figurou como a principal droga utilizada.

Estudantes de Medicina formam um subgrupo estudado com frequência. Segundo Lemos-Santos *et al.* (2024), eles apresentam taxas de uso superiores às de outros universitários e às da população em geral, em meio a competitividade, pressão por desempenho e privação de sono. Para Bahji *et al.* (2021), o consumo nesse grupo tem implicações para a saúde pessoal, para a formação e para a prática clínica futura, inclusive para a maneira como esses profissionais orientarão seus pacientes. Siebra *et al.* (2021) lembram que muitos acadêmicos buscam nas substâncias alívio e equilíbrio emocional.

2.3. Estado do Conhecimento Sobre Prevalência

A produção científica sobre o uso de substâncias psicoativas entre estudantes universitários apresenta diferentes abordagens epidemiológicas e metodológicas. Parte das investigações concentra-se na identificação das substâncias consumidas e de sua frequência, enquanto outras examinam fatores associados, motivações, comportamentos de risco e repercussões na trajetória acadêmica. A diversidade dos objetivos e das características das populações estudadas interfere diretamente na forma como os resultados são apresentados e interpretados.

A revisão sistemática de Sampaio *et al*. (2024) contribuiu para a compreensão do perfil de consumo e das motivações relacionadas ao uso de substâncias entre universitários, com base em publicações referentes a 2019 e 2020. Em outra perspectiva, Bulfone *et al*. (2025) investigaram a relação entre consumo de substâncias e desempenho acadêmico, evidenciando dificuldades decorrentes da heterogeneidade dos estudos primários. Essas revisões demonstram que o conhecimento disponível contempla diferentes dimensões do fenômeno, mas também apresenta limitações para a construção de estimativas comparáveis entre contextos universitários.

A interpretação das prevalências exige atenção ao delineamento da pesquisa, à composição da amostra, ao instrumento de mensuração e à definição operacional do consumo. Resultados referentes ao uso na vida, no último ano ou nos últimos meses não representam medidas equivalentes. Da mesma maneira, a utilização terapêutica de medicamentos não pode ser agrupada indiscriminadamente com o consumo recreativo ou não médico. Essas diferenças metodológicas justificam a organização das informações por estudo e a análise crítica das divergências encontradas, evitando generalizações que não sejam sustentadas pelas evidências disponíveis.

2.4. Consequências do Consumo

O uso de substâncias por universitários está relacionado, na literatura, a dificuldades acadêmicas, físicas, mentais e sociais (Bulfone *et al*., 2025). No campo do ensino, mencionam-se menor tempo dedicado ao estudo, afastamento das obrigações do curso e procrastinação. Os mesmos autores advertem que os resultados das pesquisas primárias divergem: enquanto algumas indicam prejuízo

no rendimento, outras não encontram relação significativa, divergência que motivou a realização de uma meta-análise sobre o assunto.

Quanto à saúde, o beber episódico excessivo eleva o risco de acidentes, violência e exposição a infecções sexualmente transmissíveis (Farinha *et al.*, 2025). O chemsex expõe os praticantes a transtornos por uso de substâncias, intoxicações agudas e infecções virais e bacterianas (Carton *et al.*, 2023). O óxido nitroso, durante muito tempo considerado inofensivo, passou a preocupar em razão de efeitos neurológicos adversos e do aumento do emprego fora do contexto médico, conforme registram esses mesmos autores.

Há, por fim, a questão do acesso ao cuidado. Pasman *et al.* (2024) demonstraram que, entre universitários com transtorno, proporcionalmente menos pessoas receberam tratamento do que entre jovens não estudantes na mesma condição. Na Nigéria, Olanrewaju *et al.* (2022) verificaram que o conhecimento dos riscos, presente em 94,6% dos entrevistados, não impediu o abuso de substâncias em parcela expressiva deles. Informação, isoladamente, parece insuficiente para modificar o comportamento.

3. METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, de caráter descritivo e abordagem qualitativa, com apresentação de dados numéricos extraídos das publicações analisadas. Esse tipo de revisão é adequado quando se pretende reunir e interpretar o conhecimento disponível sobre um tema amplo, sem a pretensão de esgotar todas

as fontes existentes. Não se realizou meta-análise, e as estimativas de cada estudo foram mantidas tal como publicadas.

O universo da pesquisa corresponde à produção científica sobre uso de substâncias psicoativas por estudantes de ensino superior. A amostra foi composta de forma intencional, de acordo com quatro critérios de inclusão: publicação a partir de 2020; texto completo disponível gratuitamente; população formada por estudantes universitários; e apresentação de dados sobre prevalência, padrões de uso, fatores associados ou consequências do consumo. Foram desconsiderados trabalhos sem acesso integral e aqueles voltados a adolescentes do ensino médio ou à população geral.

As buscas ocorreram em outubro de 2026 na Scientific Electronic Library Online (SciELO), no PubMed e nas páginas dos periódicos e editores. Empregaram-se, em português e em inglês, combinações de termos como estudantes universitários, substâncias psicoativas, prevalência, álcool, tabaco, drogas ilícitas e desempenho acadêmico.

Para detalhar a estratégia de busca, foram estruturadas combinações de termos com os operadores booleanos AND e OR, sendo AND utilizado para relacionar conceitos diferentes e OR para reunir termos equivalentes. As expressões organizadas foram:

SciELO: ("estudantes universitários" OR "estudantes de graduação" OR "university students") AND ("substâncias psicoativas" OR "uso de substâncias" OR "consumo de álcool" OR "drogas ilícitas" OR "psychoactive substances").

PubMed: ("university students"[tiab] OR "college students"[tiab] OR "undergraduate students"[tiab] OR "medical students"[tiab]) AND

("psychoactive substances"[tiab] OR "substance use"[tiab] OR "alcohol consumption"[tiab] OR "drug use"[tiab]) AND 2020:2026[dp].

Na etapa de identificação, foram encontrados 264 registros na SciELO e 2.024 no PubMed, totalizando 2.288 publicações. Após a aplicação dos filtros, permaneceram 84 registros na SciELO e 859 no PubMed, somando 943 publicações. Desse total, 20 registros duplicados foram removidos, restando 923 para a triagem por títulos e resumos. Nessa etapa, 873 registros foram excluídos, enquanto 50 publicações foram selecionadas para leitura integral. Após essa avaliação, 35 publicações foram excluídas, resultando na seleção final de 15 estudos, sendo 13 pesquisas primárias e duas revisões sistemáticas.

Os critérios para exclusão compreenderam publicações que não abordassem estudantes universitários, estudos sem informações pertinentes sobre prevalência, padrões de consumo, fatores associados ou consequências do uso de substâncias psicoativas, além de trabalhos sem acesso integral gratuito ou que não atendessem ao recorte temporal estabelecido. A seleção considerou a pertinência das publicações aos objetivos da revisão e a disponibilidade de informações para a análise comparativa.

Ao final, 15 publicações integraram o corpus: 13 pesquisas primárias de delineamento transversal e duas revisões sistemáticas, uma delas com meta-análise. Cinco estudos primários foram realizados no Brasil, três na França, dois na Nigéria, um no Canadá, um nos Estados Unidos e um na Etiópia. Publicações cuja coleta de dados antecedeu 2020 foram mantidas porque o critério adotado foi o ano de publicação, e a data da coleta está informada no Quadro 1 para que o leitor avalie a atualidade de cada estimativa.

As duas revisões sistemáticas foram consideradas fontes secundárias para contextualização e discussão das evidências. Seus resultados não foram contabilizados como novas amostras de estudantes, nem somados aos dados das 13 pesquisas primárias. Essa separação foi adotada para evitar a duplicação indireta de informações provenientes de estudos que poderiam estar contemplados nas revisões anteriormente publicadas.

De cada trabalho foram extraídos país, população, tamanho da amostra, período de coleta, instrumento utilizado, definição e janela temporal do consumo, frequências por substância e fatores associados. As informações foram organizadas em quadros comparativos. A análise seguiu quatro eixos temáticos derivados dos objetivos específicos: substâncias mais consumidas, perfis e contextos de uso, fatores associados e repercussões acadêmicas e assistenciais.

Por utilizar exclusivamente dados secundários de domínio público, o estudo dispensa apreciação por comitê de ética em pesquisa. Como limitações do método, registram-se a ausência de busca exaustiva e de avaliação formal do risco de viés, a seleção restrita a textos de acesso aberto e a heterogeneidade das medidas empregadas pelos autores originais, fatores que impedem a combinação estatística dos resultados.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1. Caracterização dos Estudos Reunidos

O Quadro 1 apresenta as 13 pesquisas primárias analisadas. As amostras variaram de 115 a 126.326 participantes, e quatro trabalhos concentraram-se especificamente em estudantes da área da saúde,

dos quais três investigaram exclusivamente acadêmicos de Medicina. Predominaram a coleta por questionário autopreenchido e a amostragem não probabilística.

Quadro 1. Características das pesquisas primárias analisadas

Autor/ano	País	Delineamento	Amostra (n)	Período de coleta	Instrumento
Simplicio *et al.* (2021)	Brasil	Transversal	126.326	2014–2015	Questionário eletrônico autopreenchido
Siebra *et al.* (2021)	Brasil	Transversal	131	Outubro–dezembro	Questionário

⚠ Esta tabela possui muitas colunas e foi cortada para impressão. Para visualizá-la completa, acesse o artigo original em: https://revistatopicos.com.br/artigos/prevalencia-e-padroes-de-uso-de-substancias-psicoativas-entre-estudantes-universitarios-uma-revisao-narrativa-da-literatura?noblockage

Fonte: elaborado pelos autores com base nos estudos citados (2026).

A composição das amostras também difere bastante. Em Lille, a idade mediana foi de 20 anos, 74,5% dos respondentes eram mulheres e 38,4% cursavam o primeiro ano (Carton *et al.*, 2023). Em Katsina ocorreu o inverso, com 67,2% de homens e 56,2% dos participantes na faixa de 20 a 25 anos (Wada *et al.*, 2021). A pesquisa mineira reuniu estudantes com média de 21,78 anos, distribuídos entre ciências exatas, humanas e sociais, biológicas e da saúde e ciências da terra, e pouco mais da metade deles morava com a

família (Farinha *et al.*, 2025). Como o consumo varia com sexo, idade e curso, parte das diferenças entre estudos decorre simplesmente de quem foi entrevistado.

Dois pontos chamam atenção nessa caracterização. O primeiro é a distância entre coleta e publicação: os dados brasileiros de maior abrangência foram obtidos em 2014 e 2015, e os de Minas Gerais, em 2018 (Simplício *et al.*, 2021; Farinha *et al.*, 2025). O segundo é a taxa de participação. Em Lille, apenas 6,1% dos estudantes convidados responderam, e três quartos dos respondentes eram mulheres, o que os próprios autores reconhecem como possível fonte de viés de seleção (Carton *et al.*, 2023).

4.2. Substâncias Mais Consumidas

O Quadro 2 reúne as frequências informadas para as principais substâncias nos estudos que as apresentaram de forma discriminada. Os valores não são diretamente comparáveis entre si, pois se referem a janelas temporais distintas, indicadas na última coluna.

Quadro 2. Frequência de uso das principais substâncias (%)

Estudo	Indicador	Álcool (%)	Tabaco (%)	Cannabis (%)	Perío de referê
Simplício *et al.* (2021)	Uso autorreferido	62,8	11,0	Não discriminado	Uso declar
Farinha *et al.* (2025)	Uso recente	54,7	16,0	32,7	Últim três me
Sousa *et al.* (2023)	Uso recente	47,0	5,2	12,2	Último dias

⚠ Esta tabela possui muitas colunas e foi cortada para impressão. Para visualizá-la completa, acesse o artigo original em: https://revistatopicos.com.br/artigos/prevalencia-e-padroes-de-uso-de-substancias-psicoativas-entre-estudantes-universitarios-uma-revisao-narrativa-da-literatura?noblockage

Fonte: elaborado pelos autores com base nos estudos citados (2026).

O álcool apresentou frequências elevadas na maior parte dos estudos que investigaram seu consumo, embora não tenha sido a categoria mais relatada em todas as pesquisas. Em Sousa *et al.* (2023), por exemplo, o uso de analgésicos sem prescrição foi mais frequente do que o consumo de álcool. Além disso, os percentuais registrados nas diferentes publicações correspondem a períodos de referência e instrumentos distintos, impossibilitando uma comparação direta das prevalências.

A regularidade do consumo acrescenta um dado que a simples proporção de usuários esconde. Entre os estudantes de Lille que beberam desde o ingresso, 34,5% o faziam uma vez por semana e 6,6% todos os dias ou quase, ao passo que 37,2% bebiam menos de uma vez por mês (Carton *et al.*, 2023). No caso do tabaco, 26,3% dos usuários fumavam de um a dez cigarros por dia. Já o óxido nitroso foi consumido menos de uma vez por mês por 98,4% dos que o experimentaram. Uma mesma taxa de uso pode, assim, abrigar hábitos de gravidade muito desigual.

O tabaco ocupa posição intermediária e apresenta grande amplitude, de 11% na base nacional brasileira a 40,3% na universidade francesa (Simplício *et al.*, 2021; Carton *et al.*, 2023). A diferença pode refletir tanto contextos culturais e regulatórios diversos quanto as perguntas utilizadas. Em Lille, mais da metade

dos fumantes afirmou já ter se sentido dependente, percentual muito superior ao verificado para o álcool, de 12,6%. Um em cada cinco declarou fumar para ajudar na concentração, motivação pouco lembrada nas campanhas dirigidas a esse público.

Entre as drogas ilícitas, a cannabis aparece em primeiro lugar. Na coorte i-Share, 57% dos estudantes já a haviam experimentado e 35% a consumiram no último ano (Perino *et al.*, 2022). Em Minas Gerais, um terço dos respondentes referiu uso nos três meses anteriores à pesquisa, proporção bem acima dos 7,5% de consumo de drogas ilícitas na base nacional mais antiga (Farinha *et al.*, 2025; Simplício *et al.*, 2021). Bahji *et al.* (2021) verificaram que estudantes de Medicina canadenses usavam mais cannabis do que os demais universitários do país, embora fumassem menos tabaco.

As demais substâncias ilegais têm frequência menor, porém não desprezível. Em Lille, 7,5% dos estudantes consumiram cocaína desde o ingresso, 6,5% MDMA e 5,7% anfetaminas (Carton *et al.*, 2023). Em Minas Gerais, 5,4% relataram cocaína, 2,8% alucinógenos e 2,1% anfetaminas ou ecstasy no trimestre anterior (Farinha *et al.*, 2025). Chama atenção, na pesquisa francesa, que cerca de um quarto dos usuários de cannabis e de cocaína já tenha experimentado sensação de dependência e que 10% dos usuários de cannabis a consumissem diariamente ou quase.

A presença dos medicamentos entre as substâncias investigadas também merece atenção. Sousa *et al.* (2023) identificaram o uso de analgésicos sem prescrição médica entre estudantes da área da saúde, enquanto Carton *et al.* (2023) examinaram o consumo de medicamentos como benzodiazepínicos e opioides, considerando suas diferentes finalidades. Esses resultados não devem ser

interpretados como indicadores equivalentes de consumo indevido, pois as pesquisas contemplam classes farmacológicas e circunstâncias de utilização distintas. A análise dessas substâncias exige diferenciar o uso terapêutico prescrito, a automedicação, o uso não médico e a finalidade recreativa, sem equiparar automaticamente o consumo de medicamentos ao de drogas ilícitas.

Óxido nitroso e poppers compõem outro grupo emergente. Na coorte i-Share, 28% dos estudantes relataram uso de poppers na vida e 26% de óxido nitroso, frequências que só ficaram abaixo da cannabis (Perino *et al.*, 2022). Em Lille, o óxido nitroso alcançou 6,8% desde o ingresso, quase sempre em consumo ocasional e por motivo recreativo ou de experimentação (Carton *et al.*, 2023). A diferença entre os dois percentuais ilustra bem o efeito da janela temporal sobre a estimativa.

Medidas de uso na vida e de uso atual, quando obtidas na mesma amostra, dão a dimensão do consumo que não se mantém. Na Etiópia, 62,5% dos graduandos já haviam utilizado álcool, khat ou cigarro, e 27,9% o fizeram no mês anterior à entrevista (Yosef; Getachew; Shifera, 2023). Entre acadêmicos de Medicina do Rio Grande do Norte, a prevalência na vida chegou a 81,7% (Siebra *et al.*, 2021). Nos levantamentos nigerianos, que perguntaram sobre abuso, as taxas gerais foram de 37% em Katsina e de 45,7% no sudoeste do país (Wada *et al.*, 2021; Olanrewaju *et al.*, 2022). Valores tão distantes descrevem fenômenos diferentes, e não populações mais ou menos expostas.

Motivos e vias de administração ajudam a qualificar esses números. Em Lille, a busca de efeito recreativo foi a razão declarada por 81,9%

dos consumidores de álcool e por 86,6% dos de cannabis, e a experimentação motivou 26% destes últimos (Carton *et al.*, 2023). A cannabis foi fumada por 93,9% dos usuários e a cocaína, aspirada por 96,7%. Houve relatos de modafinil e piracetam administrados por injeção ou por aspiração nasal, vias incompatíveis com a apresentação oral desses fármacos e sinal inequívoco de uso indevido. A heroína, mencionada por 0,2% da amostra, foi a substância com maior proporção de usuários que se sentiram dependentes depois do tabaco.

4.3. Perfis e Contextos de Uso

O consumo raramente se limita a um produto. Perino *et al.* (2022) constataram que o uso regular de álcool, o beber episódico excessivo e o tabagismo atual eram mais frequentes entre usuários das substâncias investigadas do que entre não usuários, e sugeriram empregar esses três comportamentos como marcadores para identificar estudantes em risco. Programas voltados a uma única substância tendem, por isso, a ignorar parte do problema.

O contexto sexual constitui um padrão específico. Entre universitários de Paris, 22,5% relataram chemsex no último ano, e a prática esteve associada a ter parceiro envolvido nesse comportamento, usar aplicativos de relacionamento, consumir pornografia e declarar orientação sexual diferente da heterossexual (Malandain *et al.*, 2022). Em Lille, a melhora do desempenho sexual foi citada como motivo para o uso de cocaína, anfetaminas e novas substâncias psicoativas (Carton *et al.*, 2023). Embora os resultados indiquem a presença dessa prática na amostra universitária investigada, não é possível afirmar sua extensão à população universitária em geral, considerando o tamanho, a composição e os

limites de representatividade da amostra francesa analisada por Malandain *et al.* (2022).

Entre os 153 estudantes parisienses que relataram a prática, o MDMA foi mencionado por 23,5% como substância utilizada durante as relações (Malandain *et al.*, 2022). Os autores apresentam o trabalho como o primeiro a registrar frequência elevada de chemsex em população universitária, razão pela qual o resultado ainda carece de confirmação em outras instituições e países.

A finalidade de melhorar o rendimento intelectual também aparece. Os estudantes de Lille mencionaram concentração e vigília como razões para consumir metilfenidato, modafinil, cocaína e anfetaminas (Carton *et al.*, 2023). No Canadá, o uso de estimulantes de prescrição sem indicação médica acompanhou maior sofrimento psicológico, mais burnout e menor capacidade de enfrentamento (Bahji *et al.*, 2021). Na Nigéria, 45,5% dos entrevistados acreditavam que as drogas aumentam a inteligência, crença que ajuda a entender a persistência do consumo mesmo diante da informação sobre riscos (Wada *et al.*, 2021).

O estilo de vida acompanha o padrão de consumo. Em Minas Gerais, os usuários de maconha e de cocaína concentraram-se no nível mais baixo de atividade física habitual, com 43,3% e 58,1% deles no primeiro percentil, enquanto fumantes e consumidores de álcool situaram-se sobretudo no nível moderado (Farinha *et al.*, 2025). Na regressão multivariada, faixa etária, estado civil, álcool, tabaco, maconha e cocaína mantiveram relação com os escores de atividade física. Os autores defendem a prática regular de exercícios como estratégia de promoção de saúde no ambiente universitário.

A pandemia de COVID-19 produziu efeito menos uniforme do que se supunha. Na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, houve tendência de redução na prevalência da maioria das substâncias entre usuários esporádicos, ao passo que os usuários frequentes mantiveram seu padrão (Lemos-Santos *et al.*, 2024). A interpretação mais plausível é que o fechamento de espaços de convivência diminuiu o consumo ligado a festas, sem atingir aquele já incorporado à rotina. Em Lille, com coleta durante o terceiro confinamento francês, o uso de benzodiazepínicos majoritariamente por indicação médica foi lido pelos autores como sinal de ansiedade elevada (Carton *et al.*, 2023).

4.4. Fatores Associados Ao Consumo

A situação de moradia apresentou a associação mais consistente nos dados brasileiros. Estudantes que viviam em repúblicas tiveram chance mais de duas vezes maior de usar álcool (razão de chances ajustada de 2,38), tabaco (2,20) e drogas ilícitas (2,53) em comparação aos demais (Simplício *et al.*, 2021). Em Minas Gerais, o beber episódico excessivo atingiu 64% dos que não moravam com a família (Farinha *et al.*, 2025). A menor supervisão familiar e a convivência diária com outros estudantes podem constituir hipóteses explicativas para essas associações. Entretanto, os delineamentos transversais utilizados nas pesquisas não permitem confirmar relações causais, sendo necessário considerar possíveis fatores de confusão, como características sociodemográficas, condições de saúde mental e padrões prévios de consumo.

A inserção em grupos universitários atua em direções opostas. Participar do movimento estudantil elevou a chance de uso das três categorias de substâncias, com razão de chances de 2,43 para

drogas ilícitas, enquanto integrar movimentos religiosos a reduziu de forma acentuada, com valores de 0,28 para álcool e 0,18 para drogas ilícitas (Simplício *et al.*, 2021). Falta de disciplina ou de hábito de estudo também se associou ao consumo. Esses resultados sugerem que as associações entre participação em grupos universitários e consumo de substâncias variam conforme as características dos grupos investigados. Contudo, não permitem determinar se a participação nessas atividades influencia o consumo ou se estudantes com determinados comportamentos apresentam maior probabilidade de integrar esses grupos.

Quanto ao sexo, os achados variam conforme a substância e o local. O beber episódico excessivo foi mais comum entre homens em Minas Gerais, com 52,4%, e em Katsina tabaco e cannabis concentraram-se entre os estudantes do sexo masculino (Farinha *et al.*, 2025; Wada *et al.*, 2021). Em sentido contrário, entre acadêmicos de Medicina do Rio Grande do Norte o consumo de tabaco e de cannabis foi significativamente maior em mulheres, resultado que os autores classificaram como atípico e atribuíram à heterogeneidade das populações médicas (Siebra *et al.*, 2021).

A distribuição por sexo dos medicamentos segue lógica própria. Em Katsina, o tabaco respondeu por 19,6% das substâncias citadas pelos homens e por 2,2% das citadas pelas mulheres, mas os xaropes para tosse sem codeína somaram 21,7% das menções femininas contra 11,3% das masculinas, e os tranquilizantes, 10,9% contra 2,6% (Wada *et al.*, 2021). Em Lille, a amostra era majoritariamente feminina e o consumo de benzodiazepínicos foi elevado, sobretudo nos cursos de humanidades, com 19,7% (Carton *et al.*, 2023). Olhar apenas para álcool e drogas ilegais leva a subestimar o consumo entre as estudantes.

Idade, trabalho e momento de iniciação completam o perfil. O beber episódico excessivo foi mais frequente na faixa de 20 a 29 anos, com 49,9%, e entre os que não trabalhavam, com 53,9% (Farinha *et al.*, 2025). Em Katsina, 77,6% dos respondentes situaram o começo do consumo antes da admissão na universidade, 70,1% negaram que o ambiente acadêmico tivesse influenciado o hábito, e amigos e familiares foram os principais responsáveis pela apresentação às substâncias (Wada *et al.*, 2021). Na mesma pesquisa, 59,7% disseram ter recebido informação prévia sobre abuso de drogas e 83,4% consideraram que campanhas têm efeito positivo.

A área e a fase do curso também diferenciam o consumo. Em Lille, alunos de ciências humanas e sociais, artes e letras usaram mais tabaco, cannabis, benzodiazepínicos e MDMA, e os de saúde e esporte, mais óxido nitroso, com 11,3% (Carton *et al.*, 2023). Em Minas Gerais, 55,3% dos estudantes de ciências humanas relataram beber em excesso (Farinha *et al.*, 2025). Na Medicina paulista, alunos dos dois primeiros anos consumiram menos do que os de anos avançados, com aumento do ciclo básico para o clínico, ao passo que no Rio Grande do Norte o perfil se manteve entre o primeiro ano e o internato (Lemos-Santos *et al.*, 2024; Siebra *et al.*, 2021).

Nem toda substância acompanha essa variação. O álcool foi consumido em proporções praticamente iguais nas quatro grandes áreas da universidade francesa, entre 78% e 81,1%, sem diferença estatística, enquanto o tabaco passou de 33,5% em saúde e esporte para 45,5% em humanidades, e a cannabis, de 28,6% para 38,5% (Carton *et al.*, 2023). Na amostra investigada por Carton *et al.* (2023), o consumo de álcool apresentou frequências semelhantes entre as áreas de formação analisadas. Entretanto, esse resultado não

permite concluir que o mesmo comportamento ocorra em todas as instituições ou contextos universitários.

Variáveis de saúde mental e de história familiar integram igualmente esse conjunto. Nos Estados Unidos, idade, sexo, sofrimento psicológico e uso recente de substâncias estiveram associados ao transtorno (Pasman *et al.*, 2024). Um resultado inesperado veio do Canadá: escores mais altos de resiliência acompanharam maior uso das quatro substâncias investigadas, o que os autores consideraram merecedor de novos estudos (Bahji *et al.*, 2021).

4.5. Repercussões Acadêmicas e Acesso Ao Cuidado

A meta-análise de Bulfone *et al.* (2025) fornece a estimativa mais robusta sobre rendimento. Dos 21 estudos incluídos na revisão, publicados entre 2007 e 2023, somente quatro ofereceram dados que puderam ser combinados. Para o consumo de substâncias legais e ilegais em conjunto, houve associação negativa de magnitude média com o desempenho (diferença média padronizada de -0,61; intervalo de confiança de 95% de -0,84 a -0,38). Para o álcool isolado, a estimativa foi menor e não atingiu significância estatística (-0,24; intervalo de -0,51 a 0,04).

Os estudos primários reproduzem essa ambiguidade. No Ceará, não houve associação estatística entre uso e desempenho, embora mais de um terço dos consumidores de analgésicos ou álcool e metade dos usuários de maconha tenham avaliado o próprio rendimento como ruim, péssimo ou regular (Sousa *et al.*, 2023). Em Katsina, desempenho e frequência às aulas associaram-se significativamente ao abuso, e perto de metade dos envolvidos referiu resultado

acadêmico fraco (Wada *et al.*, 2021). Como os delineamentos são transversais e o rendimento é autorreferido, não se pode afirmar qual fator precede o outro.

A assiduidade oferece um caminho concreto pelo qual o consumo pode afetar a trajetória do aluno. Entre os estudantes de Katsina envolvidos com abuso de substâncias, 46,1% tinham frequência fraca às aulas, e os autores lembram que as universidades nigerianas exigem presença mínima de 70% para a realização das provas (Wada *et al.*, 2021). Faltar repetidamente pode, nesse sistema, impedir a avaliação antes mesmo que o aprendizado seja medido. O prejuízo acadêmico, quando existe, nem sempre aparece na nota.

A qualidade da evidência limita conclusões firmes. Bulfone *et al.* (2025) classificaram os estudos como de qualidade baixa a moderada e notaram que o desempenho foi medido em escalas diferentes, o que dificulta a comparação. Farinha *et al.* (2025) fazem advertência semelhante a respeito da atividade física: o delineamento transversal não permite determinar se o uso reduz a prática de exercícios, se ocorre o inverso ou se ambos compartilham causas. A mesma ressalva vale para a maior parte das associações descritas neste artigo.

Convém notar a proporção de consumidores nas amostras que alimentaram a meta-análise: 28,6%, 57,2% e 59,3% dos estudantes nos três estudos combinados (Bulfone *et al.*, 2025). Com base nesses números, os autores recomendam que as universidades acompanhem o consumo de forma anônima ao longo do tempo. Sugerem ainda intervenções motivacionais e recursos digitais de atendimento a distância, alternativas que consideram promissoras

diante dos resultados modestos dos programas tradicionais de prevenção.

No campo assistencial, a lacuna é expressiva. Nos Estados Unidos, a distância entre necessidade e tratamento não se distribui ao acaso (Pasman *et al.*, 2024). O recebimento de cuidado variou conforme idade, tipo de seguro de saúde, nível de escolaridade e regime de matrícula. Embora a realidade dos sistemas de saúde seja diferente no Brasil, o achado serve de alerta: instituições que não buscam ativamente os estudantes em sofrimento tendem a alcançar poucos deles.

O conjunto dos resultados permite uma leitura de ordem prática. Ações centradas apenas em drogas ilegais deixam de fora os dois consumos mais frequentes, o de bebidas alcoólicas e o de medicamentos. Estratégias exclusivamente informativas esbarram no fato de que estudantes bem informados continuam a consumir (Olanrewaju *et al.*, 2022). E intervenções restritas ao campus chegam tarde para a parcela que inicia o uso antes do ingresso (Wada *et al.*, 2021). Moradia estudantil, grupos de convivência e períodos de transição no curso surgem como pontos de entrada mais promissores para a prevenção.

A forma de recrutamento restringe a generalização de boa parte dos achados. O questionário de Katsina circulou por WhatsApp, Facebook e Twitter, o que exclui estudantes sem acesso a telefone celular com internet (Wada *et al.*, 2021). A participação na coorte i-Share é voluntária (Perino *et al.*, 2022). No sudoeste da Nigéria, a amostra foi fixada em cem alunos por instituição, com idades de 15 a 29 anos, e as mulheres representaram 68% dos respondentes

(Olanrewaju *et al.*, 2022). Em todos esses casos, quem responde pode diferir de quem se recusa, sem que se saiba em que sentido.

O autorrelato introduz incerteza adicional, pois o estudante pode omitir ou exagerar o consumo, sobretudo quando a substância é ilegal ou quando a coleta ocorre em sala de aula. Carton *et al.* (2023) admitem que vieses de informação e de participação podem ter elevado ou reduzido as frequências obtidas em Lille. Estudos realizados em uma só instituição, que são a maioria no conjunto examinado, descrevem bem a realidade local e pouco dizem sobre outras. Por tudo isso, as porcentagens reunidas neste artigo funcionam melhor como ordens de grandeza do que como medidas exatas.

A análise conjunta dos estudos revela convergências quanto à presença expressiva do álcool e à relevância da cannabis entre as substâncias ilícitas investigadas. Também se observa a necessidade de considerar medicamentos e outras substâncias que nem sempre são incluídas nos levantamentos universitários. Entretanto, as divergências entre as prevalências não podem ser atribuídas exclusivamente a diferenças de comportamento entre países ou instituições, uma vez que os estudos utilizaram populações, instrumentos e períodos de referência variados.

As associações entre consumo, moradia estudantil, participação em grupos universitários, saúde mental e desempenho acadêmico também exigem interpretação cautelosa. A predominância de análises transversais limita a determinação da temporalidade das associações e impede conclusões causais. Além disso, fatores como condições socioeconômicas, características individuais, hábitos anteriores ao ingresso na universidade e diferentes formas de

recrutamento podem interferir nos resultados. Assim, a principal contribuição da comparação entre as publicações está na identificação de padrões recorrentes e, simultaneamente, das limitações que dificultam a generalização das evidências.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O álcool figurou entre as substâncias mais consumidas na maior parte dos estudos analisados, embora as prevalências variassem conforme a população e o período de referência adotado. Em pesquisas que incluíram outras categorias, como os analgésicos sem prescrição médica, foram observados resultados distintos, reforçando a necessidade de considerar a classificação e a finalidade do consumo.

O consumo associa-se à moradia fora do núcleo familiar, ao tipo de grupo universitário frequentado, ao sexo, à área de formação e ao sofrimento psicológico. A direção de várias dessas associações muda de um contexto para outro, o que desautoriza perfis de risco universais.

Na meta-análise de Bulfone *et al*. (2025), identificou-se associação negativa entre o consumo conjunto de substâncias e o desempenho acadêmico, enquanto a associação referente ao álcool isoladamente não alcançou significância estatística. Esses achados devem ser interpretados nos limites das pesquisas incluídas naquela revisão, sem generalização automática para todas as populações universitárias.

As estimativas de prevalência dependem do período de referência, da definição de uso e da composição da amostra. Comparações

entre países ou instituições só fazem sentido quando esses três elementos são explicitados.

Recomenda-se que as instituições de ensino superior monitorem periodicamente o consumo com instrumentos padronizados, incluam os medicamentos em suas ações preventivas e organizem formas ativas de acolhimento. Pesquisas futuras precisam de delineamentos longitudinais e de amostras probabilísticas, sobretudo no Brasil, onde os dados nacionais mais amplos foram coletados há mais de uma década.

A contribuição desta revisão consiste em reunir evidências de diferentes contextos universitários e demonstrar que a interpretação das prevalências depende não apenas da frequência de consumo, mas também da definição das substâncias, dos instrumentos utilizados e dos períodos investigados. Os resultados reforçam a necessidade de padronização dos indicadores epidemiológicos e de pesquisas que diferenciem o uso terapêutico, a automedicação e o consumo não médico ou recreativo de medicamentos. Estudos futuros com delineamentos longitudinais, amostras representativas e critérios de mensuração mais uniformes poderão ampliar a compreensão dos fatores associados ao consumo e oferecer fundamentos mais consistentes para estratégias de prevenção no ensino superior.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAHJI, Anees *et al*. Prevalence of and factors associated with substance use among Canadian medical students. **JAMA Network Open,** Chicago, v. 4, n. 11, e2133994, 2021. DOI: https://doi.org/10.1001/jamanetworkopen.2021.33994. Disponível em:

https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC8600384/. Acesso em: 9 out. 2026.

BULFONE, Giampiera *et al*. Substance use and academic performance among university students: systematic review and meta-analysis. **BMC Medical Education,** London, v. 25, art. 959, 2025. DOI: https://doi.org/10.1186/s12909-025-07530-y. Disponível em: https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC12211851/. Acesso em: 9 out. 2026.

CARTON, Louise *et al*. An overview of the use of psychoactive substances among students at the University of Lille during the COVID-19 health crisis: results of the PETRA study. **Dialogues in Clinical Neuroscience,** London, v. 25, n. 1, p. 101-111, 2023. DOI: https://doi.org/10.1080/19585969.2023.2268063. Disponível em: https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC10578082/. Acesso em: 9 out. 2026.

FARINHA, Marciana Gonçalves *et al*. Physical activity and substance use among university students. **Paidéia (Ribeirão Preto),** Ribeirão Preto, v. 35, e3502, 2025. DOI: https://doi.org/10.1590/1982-4327e3502. Disponível em: https://www.scielo.br/j/paideia/a/cLkq4QwWbPszXct9fv5s79v/?lang=en. Acesso em: 9 out. 2026.

LEMOS-SANTOS, Pedro *et al*. Drug use among medical students in São Paulo, Brazil: a cross-sectional study during the coronavirus disease 2019 pandemic. **São Paulo Medical Journal,** São Paulo, v. 142, n. 2, e2022493, 2024. DOI: https://doi.org/10.1590/1516-3180.2022.0493.R1.150623. Disponível em:

https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC10495101/. Acesso em: 9 out. 2026.

MALANDAIN, Léo *et al*. Chemical sex (chemsex) in a population of French university students. **Dialogues in Clinical Neuroscience,** London, v. 23, n. 1, p. 39-43, 2022. DOI: https://doi.org/10.1080/19585969.2022.2042163. Disponível em: https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC9286745/. Acesso em: 9 out. 2026.

OLANREWAJU, John Afees *et al*. An assessment of drug and substance abuse prevalence: a cross-sectional study among undergraduates in selected southwestern universities in Nigeria. **Journal of International Medical Research,** London, v. 50, n. 10, 2022. DOI: https://doi.org/10.1177/03000605221130039. Disponível em: https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC9608018/. Acesso em: 9 out. 2026.

PASMAN, Emily *et al*. The substance use disorder treatment gap among US college students: findings from the 2021 National Survey on Drug Use and Health. **Drug and Alcohol Dependence Reports,** Amsterdam, v. 12, art. 100279, 2024. DOI: https://doi.org/10.1016/j.dadr.2024.100279. Disponível em: https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC11403413/. Acesso em: 9 out. 2026.

PERINO, Justine *et al*. Psychoactive substance use among students: a cross-sectional analysis. **Fundamental & Clinical Pharmacology,** Hoboken, v. 36, n. 5, p. 908-914, 2022. DOI: https://doi.org/10.1111/fcp.12771. Disponível em:

https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC9544725/. Acesso em: 9 out. 2026.

SAMPAIO, Gustavo Reis *et al*. Use of psychoactive substances among university students from 2019 to 2020: a systematic review. **Brain, Behavior, & Immunity - Health,** Amsterdam, v. 35, art. 100724, 2024. DOI: https://doi.org/10.1016/j.bbih.2024.100724. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2666354624000024. Acesso em: 9 out. 2026.

SIEBRA, Sabrina Mércia dos Santos *et al*. Prevalência do consumo de substâncias psicoativas entre estudantes de medicina no interior do Nordeste brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Médica,** Rio de Janeiro, v. 45, n. 4, e20210362, 2021. DOI: https://doi.org/10.1590/1981-5271v45.4-20210362. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbem/a/46HfmsyjyG8sd87xHnPhQZw/?lang=pt. Acesso em: 9 out. 2026.

SIMPLÍCIO, Mayla Paula Torres *et al*. Fatores associados ao uso de álcool, tabaco e drogas ilícitas em estudantes de graduação brasileiros. **Revista Brasileira de Enfermagem,** Brasília, v. 74, n. 3, e20201244, 2021. DOI: https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-1244. Disponível em: https://www.scielo.br/j/reben/a/jKNQZnz5QSgMBbJLYvwMRMj/?lang=pt. Acesso em: 9 out. 2026.

SOUSA, Francisco Matheus Azevedo de *et al*. Uso de substâncias psicoativas e rendimento acadêmico de universitários da área de saúde. **Cogitare Enfermagem,** Curitiba, v. 28, e87063, 2023. DOI: https://doi.org/10.1590/ce.v28i0.87063. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/cenf/a/tJFfmkH7ndbgB9DjSyZX8Yk/?lang=pt. Acesso em: 9 out. 2026.

WADA, Yusuf Hassan *et al*. Prevalence and impacts of psychoactive substance abuse amongst undergraduate university students in Katsina State, Nigeria. **Addiction & Health,** Kerman, v. 13, n. 4, p. 221-231, 2021. DOI: https://doi.org/10.22122/ahj.v13i4.1197. Disponível em: https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC8818309/. Acesso em: 9 out. 2026.

YOSEF, Tewodros; GETACHEW, Dawit; SHIFERA, Nigusie. Psychoactive substance use among undergraduate students of Mizan-Tepi University in Southwest Ethiopia. **Cogent Psychology,** Abingdon, v. 10, n. 1, art. 2230021, 2023. DOI: https://doi.org/10.1080/23311908.2023.2230021. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/23311908.2023.2230021. Acesso em: 9 out. 2026.

---

[1] Discente do Curso de Medicina do Centro Universitário Maurício de Nassau de Barreiras.

[2] Discente do Curso de Medicina do Centro Universitário Maurício de Nassau de Barreiras.

[3] Discente do Curso de Medicina do Centro Universitário Maurício de Nassau de Barreiras.

[4] Discente do Curso de Medicina do Centro Universitário Maurício de Nassau de Barreiras.

[5] Docente do Curso de Medicina do Centro Universitário Maurício de Nassau de Barreiras.